



## A ESTRUTURA E TEMÁTICAS HEGELIANAS EM A PROMESSA

Ricardo Sangiovanni

São Paulo- Brasil

100

### Introdução

Em meados dos anos 40, Vergílio Ferreira há pouco havia-se iniciado na leitura do filósofo alemão Friedrich Hegel. Primeiro livro do autor após tal iniciação, será *A Promessa* um texto *hegeliano*? A leitura do romance, escrito em 1947 e prestes a ser publicado pela editora Bertrand, iluminada pelo conhecimento do filósofo alemão apresentado em *Introdução à leitura de Hegel* (2002) pelo comentador russo Alexandre Kojève, parece não deixar dúvidas de que sim. E num sentido estrito. Pois, mais que servir de boa chave de leitura para praticamente toda a obra vergiliana<sup>1</sup>, a filosofia de Hegel impregna a estrutura desse romance, talvez como nenhum outro de Vergílio Ferreira. O objetivo deste ensaio é, portanto, indicar como as bases de uma filosofia hegeliana aparecem configuradas em matéria literária em *A Promessa*.

Podemos chamar a trama de *A Promessa* de *hegeliana* sobretudo por dois motivos centrais. Primeiro, porque o narrador-personagem é um Flávio que parece contar a história de como atingiu o estágio de autonomia plena enquanto indivíduo (que chamaremos aqui de «consciência-de-si» hegeliana, mantendo a tradução de Estela dos Santos Abreu), condição a partir da qual se recorda dos eventos que narra. Mas o que é tal consciência-de-si? Como introdução, podemos resumi-la aqui como a finalidade de um bem-sucedido processo de individuação em que o homem, após sobreviver a uma «luta de morte» e viver sob condição de «submissão» a um seu semelhante, aprende a obter de si mesmo, e não mais de um (ou vários) ser(es), o reconhecimento necessário para viver satisfeito – satisfação essa que é nada mais que a vertente humana do objetivo de todo ser vivo, segundo nos indica Kojève. É a personagem Sérgio quem protagoniza, junto com Flávio, essa relação, na qual o primeiro aparece como *Senhor* e o segundo como *Escravo*. Esse antagonismo, que está no cerne de uma introdução ao pensamento de Hegel, é, ao que nos parece, o verdadeiro *protagonista* do romance. Mais que isso: a estrutura da narrativa é praticamente fiel à sequência lógica (que Kojève nos apresenta) da dialética Senhor-Escravo, descrita por Hegel na seção A do capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito* (cujo título é «Autonomia e dependência da consciência-de-si: dominação e sujeição»), conforme mostraremos a seguir.

Outro aspecto que fortalece a alcunha de hegeliano ao romance é o fato de que as personagens principais desdobram-se, ao longo da história, como espécies de avatares de conceitos caros à filosofia em geral, essenciais para compreender a proposta de Hegel na sua fenomenologia: o binômio *idéia* x *ação*. Se considerarmos que toda a

<sup>1</sup> Ainda que a influência direta da leitura de Hegel se note nomeadamente nos livros de Vergílio Ferreira posteriores à *Promessa*, uma análise de chave hegeliana pode ajudar a mostrar como, em seu primeiro livro – *O caminho fica longe*, escrito antes da leitura de Hegel –, o texto vergiliano já tocava, ainda que intuitivamente, em questões filosóficas abordadas pelo filósofo alemão. Nomeadamente, nessa obra, aparecem rudimentos de uma dialética Senhor-Escravo.



trama se desenrola em torno da oposição entre modos de vida (e/ou opiniões sobre setores dela) que buscam a primazia de um sobre o outro, Sérgio aparece como representante do pólo *idéia* nesse conflito; sua antípoda, aqui, não é Flávio, mas sim seu amigo e antagonista Edmundo, que ocupa o pólo *ação*. Flávio, embora em alguns momentos tenda, quando jovem (personagem), a ser partidário de certa primazia do agir sobre o pensar, no desenrolar da trama não toma partido de nenhum dos dois pólos; em vez disso, assume um terceiro papel, que revela estereis os limites da disputa entre os dois anteriores.

Desse modo, Sérgio (*idéia*) e Edmundo (*ação*) funcionam como *tese* e *antítese* (ou vice-versa) de um sistema dialético de produção do conhecimento – sistema ao qual a obra de Hegel propõe uma revisão, por jamais poder produzir uma síntese estável, que ponha fim à *disputa*. Flávio, por não encarnar nenhum dos pólos, mas sim observar que ambos não passam de tentativas inconscientes de impor à vida (mutável, instável) a lógica particular de um ou de outro (pretensamente estabilizadora), dá corpo, como personagem, ao surgimento do «sábio hegeliano» que se consolidará no Flávio adulto (que narra). Temos postuladas, pois, em matéria literária, as bases de uma certa fenomenologia proposta por Hegel como substituta (porque englobante) da dialética aristotélica que rege a produção de conhecimento até o séc XVIII. Também falaremos mais sobre isso a seguir.

Além destes dois tópicos, vale ressaltar mais dois aspectos de *A Promessa* que também podemos submeter a uma leitura hegeliana. O primeiro é como está representada no romance a noção de *trabalho*, outro conceito importante para a compreensão da dialética Senhor-Escravo. E, por fim, a questão do *nome próprio* como elemento definidor de uma identidade precária, que observamos na anedótica visão de Sérgio sobre o tema.

### Temática por trás da cena: Dialética do Senhor e do Escravo

*O encontro entre Sérgio e Flávio.*

Sérgio, artista plástico e professor do liceu onde estudava o jovem Flávio, o conhece ao saber de uma querela entre o garoto e o diretor do instituto; este o repreendera por ter participado de uma briga com moleques de uma escola rival. Aparentemente maravilhado ao saber da postura altiva que o rapaz adotara em conversa o diretor, Sérgio o procura e diz que o vê como «um homem»<sup>2</sup> – isto é: como um garoto inteligente e perspicaz, mas também audacioso ao debater idéias, portanto digno talvez de alguma dedicação – ou de andar sob sua *prestigiosa* batuta. Após aproximar-se de Flávio, a quem subjuga intelectualmente<sup>3</sup>, Sérgio então oferece ajuda ao rapaz para que este não abandone os estudos; o convida, com menos altruísmo que piedade, a viver em sua casa, a fim de que ele não tenha que deixar a escola para arranjar trabalho, após o pai ter abandonado a família. Do que resulta uma relação desigual entre Sérgio e Flávio: na hierarquia que se forja, Flávio, o *hóspede-pupilo*, encontra-se submisso ao

<sup>2</sup> FERREIRA, Vergílio - *A Promessa*, p. 6. [A paginação segue o dactiloscrito, não estando ainda disponível, na altura da elaboração deste artigo, a edição genética entretanto publicada pela Quetzal].

<sup>3</sup> *Idem* - p. 10-13.



*mestre-provedor* Sérgio, ou seja: praticamente sem voz ativa diante dele e sobretudo de seu círculo intelectual de amizades.

O que um olhar hegeliano agrega a esse encontro?

102

Ora: nos termos de uma dialética entre Senhor e Escravo, a busca instintiva de todo ser humano é por *reconhecimento*. E tal reconhecimento reside no olhar do outro, no *desejo* do outro cooptado para si próprio. Jamais porém de uma alteridade *qualquer*: tal reconhecimento deve vir partir de alguém que esteja *à altura* de quem busca tal reconhecimento. Ou seja: é preciso que o *outro* seja reconhecido como *igual*. Tratando-se, pois, de *dois* seres humanos, terão ambos o mesmo anseio: o de reconhecimento. Está portanto montada a arena para o embate, o *conflito de morte* em que só um triunfará e se fará Senhor do derrotado, e este será seu Escravo<sup>4</sup>.

Observando que tal mecanismo de embate pode se dar em qualquer esfera da interação humana (por exemplo: entre amigos, no trabalho, no relacionamento amoroso etc.), e transpondo a metáfora Senhor-Escravo para o encontro e a relação entre Sérgio e Flávio, aparece-nos evidente o esqueleto hegeliano no qual Vergílio Ferreira enxerta carne literária para criar *A Promessa*. Ou seja: Sérgio dá corpo literário à idéia do Senhor, e Flávio, à do Escravo.

#### *Ascensão de Flávio e ocaso de Sérgio.*

O garoto Flávio, então, quase como uma espécie de aprendiz de Sérgio, começa a frequentar seu mesmo círculo de amizades. Ciente de sua condição desimportante, porém mesmo assim ainda intrépido, o jovem ouve e arrisca-se, pouco a pouco, a participar dos debates que se desenrolam nessas reuniões sobre temas os mais diversos, de política a religião, do papel da arte ao papel da filosofia na sociedade. A estrutura das conversações porém é que parece ser sempre a mesma: a *tese* de alguém replicada por alguma *antítese* feroz, réplicas, tréplicas... Num primeiro momento, Flávio entra em certos debates tomando partido de um dos discursos em causa – no início, afina-se muito com a visão de mundo expressa por Edmundo, muito embora sem contar com a simpatia pessoal dele. Aos poucos, entretanto, Flávio passa a observar e assimilar as contradições internas que definem as principais personagens (limitemo-nos neste ensaio a Sérgio e Edmundo). Sobretudo Sérgio – a cuja imagem de artista e intelectual agrega-se à de um *bon vivant* que se alimenta do ar de superioridade que trouxera de seu povoado (que por acaso chama-se *Churrasco*, nome que parece denunciar um lance de ironia de Vergílio Ferreira...) – vai perdendo, diante dele, a aura de superioridade que um dia teve.

Por outro lado, o «homem» que Sérgio vira um dia em Flávio parece, em algumas das discussões entre os dois, já não mais existir, ao menos não de forma tão evidente. Sérgio em mais de um momento chega a tratar Flávio por «imbecil»<sup>5</sup>, e a relação com o

<sup>4</sup> KOJÈVE, Alexandre - *Introdução à leitura de Hegel*. Traduzido por Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p.14-15.

<sup>5</sup> FERREIRA, Vergílio – *A Promessa*, p. 106.



garoto passa da ligação visceral dos primeiros tempos a esporádicos, dispensáveis e até irritantes encontros, mesmo vivendo os dois na mesma casa.

Pois. Reponhamos em causa a leitura de Hegel sob a guia de Kojève e questionemos: forjadas as posições de Senhor e de Escravo, como se desenrola a relação entre os dois?

Ora: se há uma tendência, segundo Kojève, a que o homem queira o reconhecimento de seu igual/adversário sem preocupar-se em retribuir-lhe tal reconhecimento<sup>6</sup>, é evidente que o Senhor, já tendo subjugado ao adversário que lhe deve agora reconhecimento compulsório, preocupar-se-á menos ainda em oferecer qualquer compensação ao Escravo. De modo que, ao longo do tempo, a imagem do Escravo feita pelo olhar do Senhor passa da de um *semelhante* subjugado (de quem o reconhecimento ainda é apreciável pelo Senhor) à de um ser menor e dispensável (de quem o reconhecimento já não satisfaz o Senhor como acontecia no imediato *pós-luta*)<sup>7</sup>.

Ou seja: estamos diante da *tragédia do Senhor*, que terá «arriscado a vida» numa luta cuja recompensa, ao longo do tempo, já não vale mais nada. Nos termos de Kojève, «a atitude do senhor é um impasse existencial. (...) O senhor se enganou.»<sup>8</sup>

Se retornarmos às personagens Sérgio e Flávio e à relação entre os dois, poderemos ver que Sérgio (Senhor) já não se satisfaz na interação com Flávio (Escravo). O romance demonstra, por meio das personagens e da trama, o que a filosofia hegeliana postula: é ilusório imaginar que a relação Senhor-Escravo possa sobreviver ao desgaste que se acumula ao longo do tempo – ao contrário: ela leva, sim, a uma invariável supressão de ambos. Por quê? Porque, se numa relação dialética, dois termos têm de consumir-se dialeticamente (negar-se mutuamente em prol de uma espécie de resultante «vetorial») para produzir uma síntese, *Senhor* e *Escravo* – tais como *tese* e *antítese* – estão fadados a não sobreviver à interação entre si.

Nos termos em que coloca Kojève, «(...) se a oposição da tese e da antítese só tem um valor pela síntese, se a história no sentido forte da palavra tem necessariamente um termo final (...), então a interação do senhor e do escravo deve finalmente levar à supressão dialética deles.»<sup>9</sup>

*Bárbara como catalizador da redenção de Flávio.*

Bárbara, namorada de Sérgio, interessa-se por Flávio. Em um primeiro contato entre os dois, o garoto recusa-se a ceder à investida da moça e nega-se a fazer sexo com ela, declarando suposto respeito a Sérgio. Apenas respeito não: Flávio ainda não tinha superado a dependência em relação a Sérgio, uma vez que ainda vivia em sua casa e dependia financeiramente dele; em suma: ainda não se sentia totalmente autônomo para afrontá-lo, embora já quisesse fazê-lo. (É interessante notar que tampouco a

<sup>6</sup> KOJÈVE, Alexandre - *Introdução à leitura de Hegel*. Traduzido por Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p.16.

<sup>7</sup> *Idem* – p. 23-24.

<sup>8</sup> *Idem* – p. 23.

<sup>9</sup> *Idem* – p. 15.



personagem Bárbara é uma consciência-de-si plena: ela justifica seu interesse por Flávio com a descoberta de que aquilo que antes a atraía em Sérgio (sua aparente liberdade) era «ilusão»<sup>10</sup>. Ou seja: também ela busca o reconhecimento essencial no *outro*, e tal deixa de ter valor no justo momento em que o discurso com o qual ela define Sérgio se altera; e então já é necessário buscá-lo em outra parte. É como se a dialética Senhor-Escravo se replicasse em subníveis através das diversas interações entre personagens do romance...)

O arremate da tragédia de Sérgio (da *tragédia do Senhor*) consuma-se no momento em que ele descobre a «traição» de Flávio e Bárbara<sup>11</sup> – traição que não se consuma em ato sexual, mas que pode ser assim chamada por representar o deslocamento do olhar (discurso) amoroso de Bárbara dele, Sérgio, para Flávio. É textual a afirmação de que Sérgio *pedia* aquele sofrimento. Esse clímax serve como uma espécie de declaração de independência de Flávio em relação a Sérgio; uma declaração tardia de igualdade, porque já agora é Sérgio quem não está mais *à altura* de Flávio.

Retomemos a dialética do Senhor e do Escravo: por fim, é do Escravo a possibilidade real de transcender a dominação e, nesse processo de libertação, consolidar-se como consciência-de-si – autônomo, pleno, capaz de reconhecer-se no (produto do)s seus atos. Já não depende mais do vínculo com o Senhor por dois motivos: a) já não o teme, pois superou a angústia oriunda do medo da morte, que o prendia a ele; e b) já consegue, por meio do produto forjado a partir de si mesmo, obter a estabilidade e, por fim, o reconhecimento que lhe proporciona a satisfação necessária para viver, sem para isso depender de reconhecimento exterior. Como sintetiza Kojève<sup>12</sup>, através do trabalho para o Senhor, o Escravo se torna *Senhor da Natureza*.

É essa transcendência do Escravo (Flávio), junto com a derrocada do Senhor (Sérgio), que a traição, literariamente, simboliza em *A promessa*. Até porque, originalmente, não há na formulação da dialética Senhor-Escravo uma tipificação do momento específico de ruptura do vínculo: mais que a maneira como se dá a «libertação», é preciso que o escravo tenha atingido os dois tópicos acima mencionados.

Na página 148 de *A promessa*, dá-se o último diálogo entre Sérgio e Flávio:

(Sérgio) – Abandonas-me.

(Flávio) – Por favor, não carregue o melodrama. O senhor sabe o que quer e eu sei o que penso. Já medimos a distância que nos separa. Sabemos que não poderemos encontrar-nos. Já nada tenho aqui que fazer. Tenho esperado esta conversa, para selar este "diálogo", como agora se diz, entre mim e o senhor. Dissemos tudo. Talvez já o tivéssemos dito. Mas suportei isto por mais tempo por razões que não sou obrigado a dizer.

<sup>10</sup> FERREIRA, Vergílio – *A Promessa*, p. 136.

<sup>11</sup> FERREIRA, Vergílio – *A Promessa*, p. 142.

<sup>12</sup> KOJÈVE, Alexandre - *Introdução à leitura de Hegel*. Traduzido por Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p. 26.



Depois disso, a relação entre os dois se rompe; Flávio sai da casa de Sérgio (o Escravo liberta-se do Senhor); eles nunca mais voltam a se encontrar e, por fim, Sérgio morre sozinho.

### Temática em cena: o conflito *Idéia x Ação*

105

Ao longo de todo o romance, a interação entre Sérgio e seu grupo de interlocutores baseia-se sempre em uma estrutura de oposição ferrenha entre os pontos-de-vista que cada um ora defende, na tentativa de negarem-se uns aos outros, tendo em vista a preponderância de um deles ao final do debate. A resultante dessa oposição são debates aparentemente intermináveis, de uma erudição estéril em torno de temas como arte, filosofia, política, religiosidade, sociedade etc.

Os principais debatedores ao longo do romance são Sérgio e Edmundo. Os dois são, ao fim e ao cabo, duas facetas de uma mesma personagem. A existência de cada um se define por uma oposição meramente aparente entre eles: Sérgio, artista iconoclasta, intelectual impiedoso, avesso ao trabalho, posiciona-se no mundo por meio de uma pretensa solidez de idéias e ideais (sobretudo o de liberdade), uma espécie de ilha de onde dispara criticamente contra toda ação prática (ou tentativa de) de que tem notícia – ou seja: é o pólo *idéia*. Edmundo, jornalista, homem prático, que crê que através de atitudes concretas é que se faz o mundo, posiciona-se em meio ao caos da realidade instável que jamais consegue domar por meio de seus atos – ou seja: é o pólo *ação*. Pondo em oposição tais perfis, adicionada uma dose de certa amizade corrosiva que possibilita não a busca por um terceiro termo sintético entre eles, mas a mera repetição dos choques entre os dois, Sérgio e Edmundo protagonizam boa parte das polêmicas discutidas no romance.

Em que medida pode-se chamar hegeliano esse tipo de conflito? Na medida em que uma introdução à filosofia de Hegel preconiza a esterilidade dessa formulação dialética que rege a produção do conhecimento. É como se cada um dos pólos em oposição tentasse impor à realidade uma *totalidade estável* (decretar a «revelação total do ser real», em termos hegelianos). O problema é que tal estabilidade é inalcançável por meio desse tipo de construção dialética. Inalcançável porque um olhar que depende do elemento negador para construir um discurso (ou um método de construir discursos) sobre o real acaba por falhar, porque não conseguirá abarcar todas as dimensões desse real (ou produzirá um método insuficiente) – e será fatalmente negado no decurso da história. O que Flávio e Edmundo fazem, pois, é tentar impor à vida um funcionamento dialético que, a rigor, não é próprio da vida, mas do indivíduo que a observa e descreve.

O que Hegel propõe? Que a construção do conhecimento se dê não pela busca de verdades estáveis por meio de processos dialéticos, mas pela observação e descrição da realidade sem outro objetivo senão espelhá-la e, nesse movimento, revelar não “o real” mas «o ser-que-o-observa».

Sérgio e Edmundo são o que Kojève nos apresenta em Hegel como «homens ingênuos», que «opõem-se, cada um a seu modo, ao real e o deformam opondo-lhe meios de ação ou métodos de pensamento que lhes são próprios.» O Flávio-narrador que surge no final



de *A Promessa*, prefigura o oposto a esse tipo de homem – o *sábio hegeliano* –, elemento que não corresponde ao Flávio jovem que é personagem da trama. Por *sábio hegeliano* entendamos o ser que:

está plena e definitivamente reconciliado com tudo o que é: ele se entrega sem reservas ao SER e se abre inteiramente ao real sem lhe opor resistência. Seu papel é o de um espelho perfeitamente plano e indefinidamente extenso: ele não reflete o real; é o real que se reflete nele, reflete-se em sua consciência e revela-se em sua própria estrutura dialética pelo discurso do *sábio* que o descreve sem deformá-lo.<sup>13</sup>

Na fala da página 147, Flávio mostra ser a prefiguração desse *sábio*:

– Tenho dó de si, Sérgio. Tenho dó, porque o julgo autêntico, sincero no seu aparato de insinceridade. Mas condeno-o por não tentar resolver a sua contradição. Edmundo vivia feliz, enquanto vivia com o seu dualismo apaziguado. Tinha um propósito prático de acção, de realidades, mas defendia uma cultura formalista. Um dia o dualismo rachou em contradição e Edmundo não se aguentou. Vi-o ontem. Veio para mim, desnortado. Queria que alguém o apaziguasse. Creio que só sossega no pessimismo em que caiu. Não escreve, não lê, não pensa. É apenas funcionário de Secretaria. Suponho mesmo que volta ao liceu que é, disse ele, outra forma de burocracia. Você Sérgio (Sim, eu disse “você”) você tem um ideal íntimo de liberdade. Um ideal já desvirtuado por uma intelectualização desumana, mas enfim, ideal de liberdade. Mas a sua acção nega-o de tal modo, que a sua obra serve fins que você não quer. *Fundidos os dois e superados cada um, você e Edmundo dariam talvez um homem novo em folha. Você pode perguntar justamente se eu não virei a ser superado. Mas se eu admito precisamente o movimento constante, e aceito como verdade a verdade de cada momento, creio que serei sempre actual.* E desculpe, se falei demais. Mas senti que devia avivar-lhe a consciência do que você é, pois sabe que o é. Agora faça de si o que entender. De resto, penso deixá-lo hoje e para sempre.<sup>14</sup>

## A noção de Trabalho

A aversão de Sérgio ao trabalho, demonstrada em mais de um momento ao longo do texto, reforça a ideia de que ele tem uma falsa consciência-de-si. Isso porque, na apresentação feita por Kojève, o papel do trabalho em Hegel é justamente o de consolidar no ser a estabilidade (disciplina imposta por si mesmo e não por um Senhor) sobre a qual se edificará a consciência-de-si. Tal estabilidade advém da repetição da atividade formadora (ou que *forma-e-educa*) contida em todo trabalho, ao longo do tempo, o que liberta o Escravo da angústia do medo da morte, elemento que o atrela ao senhor. Portanto, na posição de Senhor, Sérgio não poderá alcançar tal estabilidade porque sua posição não o constrange ao trabalho obrigatório, estágio necessário pelo qual só o Escravo passa – e, paradoxalmente, obtém dividendos.

<sup>13</sup> KOJÈVE, Alexandre - *Introdução à leitura de Hegel*. Traduzido por Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p. 426.

<sup>14</sup> FERREIRA, Vergílio – *A Promessa*, p. 147, grifo meu.



## Nome próprio x Identidade precária

Kojève nos diz que, em Hegel, o primeiro estágio do reconhecimento do ser é o de nomear a si próprio – ou seja: é ao dizer «eu» que o indivíduo começa a existir. Entretanto, como vimos, a consolidação da plenitude dessa existência (a consciência-de-si) só será conquistada após a superação da condição de Escravo. Antes que esse processo se conclua, o ser é incompleto enquanto consciência, muito embora creia, de si para si, possuir tal completude desde muito cedo.

Façamos, pois, o exercício de alargar a noção de «eu», da palavra em si para o «nome» que cada indivíduo carrega (ou seja: o nome do seu “eu”). Veremos que Sérgio demonstra estar longe de ser uma *consciência-de-si* por dois motivos: 1) a importância excessiva que dá ao justo uso de seus dois orgulhosos sobrenomes (faz questão de ser chamado por Sérgio da Cunha Madeira, e não simplesmente Sérgio Madeira); e 2) pelo desdém preconceituoso que demonstra pelo nome de um colega a quem julga inferior simplesmente por chamar-se José Pereira, que considera «um nome monstruoso» e pergunta-se «Como é que um José Pereira é professor? E raciocina?»

Mas o troco vem a galope: após a libertação de Flávio, Sérgio perde a estima por si mesmo de maneira atroz, o que Flávio comprova ao ver o antes desprezível José Pereira falando com autoridade a um Sérgio cabisbaixo.

## Conclusão

Esperamos ter podido demonstrar que em *A Promessa* verifica-se forte influência hegeliana (ao menos) nos seguintes aspectos: 1) na estrutura narrativa baseada na dialética do Senhor e do Escravo, que tem no binômio Sérgio-Flávio (jovem) o verdadeiro *protagonista* da trama; 2) na crítica hegeliana ao conflito *idéia* x *ação* e na consequente simbolização literária do surgimento do «sábio hegeliano», representado pelo Flávio-narrador que, ao lembrar-se da própria história, desvela uma espécie de microfísica do surgimento de tal sábio; 3) no papel do *trabalho* (ou falta dele) como elemento criador (ou impedor, para quem não trabalha) de estabilidade do espírito, sem a qual a consciência-de-si não se edifica; e 4) na questão do *nome*, espécie de rótulo do «eu» que cada indivíduo vê em si e nos outros, como elemento que contribui para a assunção de uma identidade, mas que, sem que se cumpra o ciclo de libertação do Escravo, apenas reforça quão incompleto pode ser o grau de consciência de um indivíduo.





## Bibliografia

FERREIRA, Vergílio, - *A Promessa* (dactiloscrito).

\_\_\_\_\_, - *Mudança*. Lisboa: Bertrand, 1991.

\_\_\_\_\_, - *Aparição*. Venda Nova: Bertrand, 1995.

\_\_\_\_\_, - *Alegria Breve*. Venda Nova: Bertrand, 1991.

\_\_\_\_\_, - *Para Sempre*. Lisboa: Bertrand, 1996.

\_\_\_\_\_, - *Espaço do Invisível* 1 e 2. Lisboa: Arcádia, 1978.

HEGEL, G.W.F., - *Fenomenologia do Espírito*: Parte I. Traduzido por Paulo Meneses, Petrópolis: Vozes, 1992.

KOJÈVE, Alexandre, - *Introdução à leitura de Hegel*. Traduzido por Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.